
Resenha
**Uma Análise do Medo Social:
dos Contos Morais ao Big Brother**

Eduardo Fofonca¹

BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman, oferece ao público acadêmico, mais uma produção contemporânea repleta de reflexões sobre a convivência humana. Em, o "Medo líquido" publicado pela editora Zahar, com tradução de Carlos Alberto Medeiros, Bauman discorre sobre a vida no mundo líquido-moderno. Mas em que consiste este "medo líquido"? Qual seu alcance em nossa sociedade? É possível estabelecer uma relação clara e nítida a partir de um elemento tão particular, tão subjetivo? Qual o alcance social desta análise da sociedade?

Para compreendermos o "medo líquido", é importante relembrarmos que em pleno século XVI, no tempo e lugar que nossa era [a modernidade] estava para nascer, Bauman, nos vislumbra uma definição da modernidade: "medo sempre e em toda a parte". A modernidade seria o grande salto à frente: para longe desse medo, na direção de um mundo livre do destino cego e impenetrável, ou seja, a estufa dos temores. Esta crença que se revelou frágil, e acabou se diluindo ao longo do tempo, do mesmo modo que a crença de segurança prometida pelo iluminismo, revelou-se insuficiente. Em ambos os casos, venceu a escuridão e o temor.

Este mundo líquido-moderno passa a representar, um outro mundo em que o ser humano vive em meio a uma ansiedade constante; onde as pessoas têm medo de perder o seu emprego, possuem medo da violência urbana, do terrorismo, de ficar sem o amor, da exclusão, entre tantos outros medos.

Bauman, dessa forma, aponta para a existência de um "sentimento de medo", para o "medo secundário", ou também, o denominado "medo derivado". Freud, com ressalvas às diferenças de enfoque e análise deste autor, em relação a Bauman, já em "O mal estar na civilização" (2000) demonstra o mecanismo da estrutura psíquica, que também se refere ao medo. Desse modo, o sentimento de medo, é o primeiro sentimento conhecido de toda criatura viva, nós seres humanos compartilhamos com os animais essa experiência, que oscila entre as alternativas da fuga e de agressão. Já, o medo secundário, uma espécie de medo de segundo grau, e é considerado por Bauman um medo social e culturalmente reciclado. Ele pode ser visto como um "rastros de uma experiência passada" de

¹ Mestrando em Comunicação e Linguagens (Universidade Tuiuti do Paraná).

enfrentamento da ameaça direta, isto é, um resquício que sobrevive ao encontro e se torna um fator importante na modelagem da conduta humana, mesmo que não haja mais uma ameaça direta à vida ou à integridade.

E, por fim, nesta enunciação baumaniana, o “medo derivado” como uma estrutura mental estável. Esta pode ser mais bem descrita como o sentimento de ser suscetível ao perigo que gera sensação de insegurança e vulnerabilidade. Uma sensação de insegurança, pois o mundo está cheio de perigos que podem se abater sobre nós a qualquer momento com algum ou nenhum aviso; e, a sensação de vulnerabilidade como, no caso de o perigo se concretizar, haverá pouca ou nenhuma chance de fugir ou de se defender com sucesso; o pressuposto da vulnerabilidade aos perigos depende mais da falta de confiança nas defesas disponíveis do que do volume ou da natureza das ameaças reais.

A ubiqüidade dos medos é o que mais amedronta. O resultado desta ubiqüidade repercute no aumento de uma busca de sensação de segurança, ou pelo menos de afastabilidade do perigo. O resultado disto é a busca de um “local seguro” para circular, como os *shopping centers*, a segurança dos carros blindados, ou mesmo o convívio em condomínios fechados.

Para Bauman, esta é uma das marcas do nosso tempo, o autor faz um inventário dos nossos medos presentes, apresentando um diagnóstico claro acerca das origens comuns das ansiedades contemporâneas, ao mesmo tempo em que analisa os obstáculos que impedem o pleno entendimento da sociedade.

O que há, a todo o momento, é uma análise dos mecanismos que possam deter a influência do medo sobre a vida. Segundo Bauman, as certezas da modernidade sólida se foram, e, com isso, a utopia do controle sobre os mundos social, econômico e natural desmoronaram. Apontamos, a exemplo disto, as análises sobre o fenômeno do *Big Brother* o que ele denomina de “contos morais” de nossa época.

O autor mostra como esse tipo de programa e outros *reality shows*, de uma maneira geral, corroboram para a banalização do medo e da morte, fazendo deles um simulacro ou um objeto de estetização. Neste sentido, torna-se evidente que as culturas podem ser entendidas como dispositivos que engendram o medo e a morte, assim como os tornam mais contempláveis. O que não há é alguém quem não tema o medo, mas não há quem não queira se defrontar com ele, sobretudo, quando mediados por uma tela.

O Medo também se associa à idéia de mal. Auschwitz, Gulag, Hiroshima gerariam metaterrores; seriam incubadores de medo gestados e difundidos por nossa percepção. Por outro lado, pensar neles implica no desejo de que se desvançam e que fiquem seguros em sua invisibilidade. O temor também se dirige ao que é considerado “inadministrável”. O ser humano tem medo do Tsunami, do Katrina e outros desastres naturais. O que se observa são erros de cálculo e negligência humana. Para o sociólogo, o medo é o outro nome que damos à nossa “falta de defesa”. E tudo isso ganha potência renovada diante desse mundo globalizado, que permite temer o que não conhecemos e, também, aquilo que jamais conheceremos.

Diante dessa sociedade aberta ou líquido-moderna nos tornamos ainda mais vulneráveis e nossa segurança é pouco confiável. O ser humano vive ameaçado por guerras de proporções universais, por conflitos econômicos, políticos e sociais; pela visão apocalíptica de um confronto entre o bem e o mal; pela regionalização da política. Bauman considera a sucessão de falecimentos dos filósofos como Althusser, Benoist e Loreau, destacando que para Jacques Derrida, “cada morte é o fim de um mundo”, e a cada vez de um mundo singular, que jamais poderá reaparecer ou ser ressuscitado. Numa época contemporânea, em que o pensamento intelectual está cada vez mais sujeito a suspeitas de toda ordem, Bauman nos auxilia a restituir um pensamento do poder nas idéias. O Medo pode ser considerado um estudo do urbano; uma sociologia reflexiva que incide sobre nós mesmos.

Esta obra recupera, ainda, o trajeto original de um pensador que, após dedicar-se a estudos do marxismo, passou a analisar a sociedade de consumo para chegar à pós-modernidade. A modernidade, para Bauman, carrega uma lógica no sentido contemporâneo, no qual a "solidez" do projeto de Modernidade se "liquefaz".

Na sociedade humana, o medo é capaz de impulsionar e de se intensificar por si mesmo. Na ótica do autor, o medo não é a consequência, mas a causa de nossos males, de forma amplificada. As casas em regiões urbanas no mundo inteiro existem agora para proteger seus moradores, não mais para integrar as pessoas em suas comunidades. O resultado desastroso da relação nas áreas urbanas mais privilegiadas, habitadas pela elite global, são as áreas abandonadas, os guetos.

Em suma, como todas as outras formas de coabitação humana, nossa sociedade líquido-moderna é um dispositivo que tenta tornar a vida com medo uma coisa tolerável. Em outras palavras, um dispositivo destinado a reprimir o horror ao perigo, potencialmente, conciliatório e incapacitante; a silenciar os medos derivados de perigos que não podem, ou não devem, pela preservação da ordem social, ser efetivamente evitados. Neste sentido, é necessário compreender que instituições instáveis, são fruto da sociedade líquido-moderna e que o controle social natural, na verdade, desmoronou, não passa de uma utopia.

Então, o que nos resta? Não muito longe de nós, sobretudo a partir de Marx, o desafio em questão era a lenta e inexorável decomposição do “agente histórico” que, segundo a expectativa dos intelectuais (cientes dos padrões orgânicos estabelecido para eles pelo código de conduta de Gramsci), iria introduzir (ou ser introduzido em) uma terra em que o salto para a liberdade, - a igualdade e a fraternidade, vislumbrado, porém mais tarde transformado nos becos sem saída do capitalismo ou do comunismo, finalmente alcançaria seu destino socialista.

Sumariamente a classe trabalhadora representava por pelo menos um século, o agente coletivo (histórico) da emancipação. É a partir desta expectativa que Marx, Lênin, Lukács, Gramsci, Adorno, e tantos outros intelectuais através de suas teorias expressavam suas expectativas, estratégias, e um status de

“guardiões” das esperanças e promessas irrealizadas do passado, como também críticos de um presente culpado de esquecê-las e abandoná-las sem realização.

Assim, os intelectuais contemporâneos devem realizar um esforço de repensar, como já o fizeram os intelectuais citados por Bauman, de posse de um pensamento crítico, sobre a esperança e a oportunidade de atingir um equilíbrio aceitável entre liberdade e segurança, sobre essas duas condições sine qua non da sociedade humana.

E, em segundo lugar, entre as esperanças do passado que precisam ser urgentemente redimidas, no sentido kantiano do dever ser, num sentido de uma esperança que pode tornar – vai tornar, deve tornar – possível o ato corajoso de ter esperança, ele deve ser imaginado em escala planetária.

Bauman, explicita que o século vindouro pode muito bem ser a época da derradeira catástrofe. Ou pode ser o tempo em que um novo pacto entre os intelectuais e o povo – agora significando a humanidade em seu conjunto – seja negociado e trazido à luz. Para o autor, oxalá a escolha entre esses dois futuros ainda nos pertença.